

Rev Bras Fisiol Exerc 2019;18(3):116-7  
<https://doi.org/10.33233/rbfe.v18i3.3500>

## EDITORIAL

### Transgênero no esporte, há evidências robustas?

Ezequias Pereira-Neto\*, Mablíny Thuany\*\*

*\*Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Sergipe, Coordenador do Instituto HIB, Fisiologista Associação Desportiva Confiança, \*\*Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Sergipe*

Ezequias Pereira-Neto: [neto.pereiraedf@gmail.com](mailto:neto.pereiraedf@gmail.com)  
Mablíny Thuany: [mablínsantos@gmail.com](mailto:mablínsantos@gmail.com)

É uma grande honra escrever o editorial dessa renomada revista e essa honra vem acompanhada de uma grande responsabilidade. Essa responsabilidade nos traz a abordar um tema que merece atenção e investigação de cientistas e fisiologistas do esporte, que é o atual corpo de evidência sobre o Transgênero no Esporte.

O universo das Ciências do Esporte tem sido percorrido por debates que ultrapassam o 'simples' entendimento em relação aos fatores relacionados ao desempenho. A evolução nesse campo científico, dá-se em boa parte pelos próprios avanços decorrentes da revolução tecnológica e científica, mas amplia-se também a partir do momento em que a sociedade se sente parte integrante desse 'mundo' tão palpável e distante, ao mesmo tempo. Como consumidores primários desse espetáculo, essa diáde acaba por alterar as duas partes relacionadas, de modo que os últimos debates (iniciados justamente a partir das mudanças na sociedade vigente) têm tendenciado uma alteração no formato de se ver e entender o esporte a partir da participação de transgêneros nessas práticas: Há ou não vantagem no esporte de alto rendimento? Há evidências robustas que embasem a participação dos transgêneros?

Inicialmente o teste cromossômico foi adotado para assumir a divisão entre as categorias feminino e masculino no esporte, contudo, algumas alterações gênicas podem modificar a distribuição dos cromossomos e assim se mostraram ineficientes para diferenciação de gênero no esporte [1]. Em 2004 foi promulgado pelo Comitê Olímpico Internacional a participação dos atletas trans a partir de um documento chamado Consenso de Estocolmo, esse consenso antecede a estudos que investigam a influência do período de transição hormonal dos atletas trans [2], o que mostra a decisão em caráter político/social e não científica/fisiológica.

Dois importantes investigações dão início a essa fundamentação científica para nortear a inclusão dos transgêneros no esporte. Inicialmente, tem-se os estudos de Gooren e Bunck [3], seguidos pelo trabalho de Harper [4]. Nesse contexto, vale a pena destacar que ambos apresentam limitações importantes, das quais podem ser citadas: amostra (tipo e quantidade), modelo de estudo, modalidade investigada e conflito de interesse dos autores. Contudo, diversas áreas científicas têm investigação em estudos limitados metodologicamente, que caracterizam apenas o início das suas investigações.

Não obstante, torna-se imprescindível a análise da temática a partir de duas óticas: 1) quais os fatores relacionados ao desempenho no esporte (aspectos genéticos, fisiológicos e ambientais, relacionados às oportunidades de práticas e demandas impostas ao esporte de alto rendimento) e como eles poderiam (ou não) estar associados a uma sobreposição do homem ou mulher trans na prática esportiva; 2) quais as implicações em relação aos aspectos sócio-político-culturais dessa (não)participação: qual o peso dessas decisões na sociedade atual?

Equalizar questões endócrinas ou mesmo aquelas relacionadas a composição corporal, não serão suficientes para extinguir vantagens antropométricas. Do campo de estudos voltados para a fisiologia emergem a necessidade da realização de pesquisas longitudinais, direcionadas para a relação na remissão da produção de testosterona, IGF-1 e hemoglobina após período de transição. Quanto a desempenho, necessita-se de investigações em modalidades que a força e suas capacidades relacionadas sejam predominantes.

Em adendo, é importante salientar que a equidade de condições é premissa básica do esporte de alto rendimento. Expandir a discussão e pesquisas (quantitativas e qualitativas) sobre o tema se faz fundamental para tomar decisões baseadas em evidências.

Posto isso, aconselho fortemente a leitura na íntegra dos artigos citados nesse editorial.

**Referências**

1. Elsas LJ, Ljungqvist A, Ferguson-Smith MA, Simpson JL, Genel M, Carlson AS, Ferris E, de la Chapelle A, Ehrhardt AA. Gender verification of female athletes. *Genet Med* 2000;2(4):249-54. <https://doi.org/10.1097/00125817-200007000-00008>
2. Ljungqvist A, Cohen-Haguenuer O, Genel M, Simpson J, Ritzen M, Fellous M, Schamasch P. Statement of the Stockholm consensus on sex reassignment in sports. 2003. [https://www.olympic.org/Documents/Reports/EN/en\\_report\\_905.pdf](https://www.olympic.org/Documents/Reports/EN/en_report_905.pdf)
3. Gooren LJ, Bunck MC. Transsexuals and competitive sports. *Eur J Endocrinol* 2004;151(4):425-9. <https://doi.org/10.1530/eje.0.1510425>
4. Harper J. Race times for transgender athletes. *Journal of Sporting Cultures and Identities* 2015;6(1):1-9. <https://doi.org/10.18848/2381-6678/CGP/v06i01/54079>